

ARQUIVO MUSICAL
a pesquisa no acervo Vera Janacópulos*

Vera Lúcia Doyle Dodebei¹

Isabel Arino Grau²

Resumo

O objeto da pesquisa do projeto *Memória do Canto de Câmara em Vera Janacópulos* é o arquivo de partituras de música doado à Universidade do Rio de Janeiro e localizado na seção de obras especiais da Biblioteca Pública da Unirio. Tanto a trajetória do arquivo pessoal da cantora lírica brasileira, como a organização e a catalogação das peças musicais são descritas. Enfatizam-se os procedimentos metodológicos para a construção da memória de Vera Janacópulos e sua identidade junto à universidade, bem como as peculiaridades da análise da informação musicológica para a composição de um banco de informações e uma biblioteca digital temática.

Palavras-chaves: Vera Janacópulos; Arquivo musical; Memória institucional; catalogação de partituras

1 Introdução

A Biblioteca Pública da Unirio guarda em suas dependências um conjunto de documentos composto por partituras, fotografias e manuscritos que pertenceram à cantora lírica brasileira Vera Janacópulos. Durante treze anos a biblioteca manteve esse acervo especial, com certeza raro no que diz respeito às dedicatórias feitas à cantora em partituras pessoais utilizadas nas suas apresentações no exterior. Embora o acervo VJ fosse considerado importantíssimo por um grupo pequeno de funcionários e de pesquisadores externos, a Universidade do Rio de Janeiro (Unirio) se surpreendeu com a repercussão causada no meio da pesquisa musicológica, por ocasião da publicação do artigo *A música do século XX no Acervo Vera Janacópulos da Unirio* de autoria de Manoel Correa do Lago (1999).

* Trabalho apresentado ao V ENANCIB, Belo Horizonte, 10 a 14 de novembro de 2003.

¹ Coordenadora do projeto de pesquisa *Memória do Canto de Câmara em Vera Janacópulos*. Doutora em Comunicação e Cultura, UFRJ. Professora Adjunta do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO.

² Supervisora de Análise Documentária no Projeto *Memória do Canto de Câmara em Vera Janacópulos*, chefe da Biblioteca Setorial do Centro de Letras e Artes da UNIRIO.

Este fato veio a demonstrar que o arquivo pessoal da cantora merecia estar disponível a um público mais amplo, substituindo-se a postura até então assumida de *guardar para preservar* pela ação de *divulgar para preservar*. As informações registradas nos documentos do acervo VJ, aliadas às inúmeras possibilidades de associação informativa com outras instituições de memória no Brasil e no exterior, não só atualizariam a memória da cantora como proporcionariam um maior intercâmbio cultural entre pesquisadores da música no século XX.

Outro aspecto motivador que apontava para um estudo que fizesse emergir as circunstâncias da vinda deste acervo para a Unirio foi o fato de que a universidade nomeou sua principal sala de eventos culturais de Sala Vera Janacópulos. Ao longo da existência da Unirio algumas ações foram desenvolvidas no sentido de homenagear a cantora e divulgar a sua obra, e dentre essas cabe citar a exposição e o recital comemorativos do centenário de seu nascimento, organizados por Aloysio Alencar Pinto (1992). No entanto, permanecia ainda difusa a imagem de Vera Janacópulos para a maior parte da comunidade acadêmica.

2 Memória do Canto de Câmara em Vera Janacópulos

Quem foi Vera Janacópulos? Qual a importância do seu arquivo pessoal doado à Unirio? Que demandas sociais existiriam para justificar a análise, a organização e a disponibilização desse acervo à sociedade, no sentido de partilhá-lo de forma democrática? Na tentativa de responder a essas questões foi desenvolvido um projeto de pesquisa tendo por objetivo principal levantar a trajetória do arquivo pessoal da cantora, sua vinda para a Unirio e o processo de incorporação formal ao patrimônio da universidade. Além dessa análise do objeto da pesquisa no que se refere à sua totalidade como uma instituição com mobilidade social - entendendo-se a mobilidade como o movimento ou o trânsito do arquivo VJ em espaços temporais diversos -, caberia analisar também a composição documental do arquivo, a importância de suas peças

isoladamente, e a imagem que a relação entre elas pode significar para o universo da pesquisa musicológica.

Para responder às questões propostas, considerou-se como *corpus* da pesquisa dois gêneros de fontes informacionais: as fontes primárias – o Arquivo VJ; e as fontes secundárias – a literatura existente sobre Vera Janacópulos. A principal fonte secundária sobre Vera Janacópulos é o livro de Eurico Nogueira França (1959) construído a partir da reunião de crônicas que o autor publicou no Jornal Correio da Manhã e que, por sua vez, representavam as anotações de entrevistas feitas com Vera Janacópulos. A segunda fonte secundária é o artigo de Corrêa do Lago (1999) que pode ser considerada a principal fonte publicada para o estudo do Arquivo Vera Janacópulos. Corrêa do Lago efetuou uma descrição crítica do acervo VJ e para conduzir sua pesquisa, não só se debruçou sobre os documentos mantidos na Biblioteca Pública da Unirio, como buscou informações com personalidades de importância real à reconstrução da memória da cantora brasileira, tais como: Aloysio Alencar Pinto, Maria da Glória Capanema, Mercedes Reis Pequeno, Turíbio Santos, François Lesure do Departamento de Música da *Bibliothèque Nationale*, Claudio Spies da Universidade de Princeton, José Maria Neves.

Quanto à informação primária, isto é, os originais do acervo VJ, estes representam o material de trabalho pessoal de Vera Janacópulos. Segundo Eurico Nogueira França, muito do arquivo pessoal de VJ pode ter sido perdido durante a Segunda Guerra, quando seu apartamento em Paris foi saqueado. O acervo VJ que hoje se encontra na Unirio é constituído de vários tipos de documentos, representando a memória da sua vida profissional. Por ordem de prioridade, pode-se destacar: coleção de partituras (683 peças, que abrangem um vasto repertório, principalmente do século XVII ao século XX), muitas autografadas pelos compositores, tais como Villa-Lobos, Ravel, Stravinsky; obras originais como *Schéhérazade* de Maurice Ravel e o *Salmo* de Igor Markevitch e obras transcritas por solicitação de diversos compositores

(Stravinsky, Villa-Lobos, Prokofiev); recortes de jornais e programas de concerto dos anos 30; correspondência pessoal; fotos autografadas; cadernos de anotações sobre programas radiofônicos realizados em São Paulo quando de sua atuação como professora do Departamento de Cultura; livros e documentos do “Círculo de Artes Vera Janacópulos”.

A Biblioteca Pública da Unirio é uma das poucas instituições que conta com acervo de tamanha significação não só para a preservação da memória do repertório vocal da música do século XX como para servir de fonte a pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre a música nesse período. Como diz Corrêa do Lago (1999, p.4)

[...] a coleção é extremamente representativa do repertório vocal composto durante as primeiras décadas do século, contendo numerosas primeiras edições, manuscritos autógrafos, cópias manuscritas inéditas, várias partituras com dedicatórias autografadas. Se, por um lado, os autógrafos documentam, ainda que de forma fragmentária, a qualidade do relacionamento de VJ com muitos dentre os mais representativos músicos de seu tempo, por outro, o conjunto apreciável de obras especificamente escritas para VJ e/ou dedicadas a ela, que podem ser identificadas na coleção, denota seu grande envolvimento na produção musical contemporânea.

Ao contrário da riqueza da informação primária, isto é, o próprio Arquivo VJ, os escritos sobre a cantora se reduzem às duas obras mencionadas: a de Nogueira França que representa a memória de vida de Vera Janacópulos, e o artigo de Corrêa do Lago que faz uma análise do material constituído pelo seu arquivo pessoal. No entanto, até o momento não foram encontrados registros do trânsito do arquivo e muito menos de sua doação à Universidade do Rio de Janeiro³.

A intervenção de Correa do Lago faz surgir uma demanda de informação que a Biblioteca da Unirio não estava preparada para responder. Embora o acervo apresentasse uma organização

³ A pesquisa realizada no Arquivo Central da Unirio em março de 2003 revelou que as Atas dos Conselhos Superiores (1979 a 1983) que poderiam conter informações relevantes sobre a doação do acervo VJ à Unirio foram parcialmente destruídas por mofo e fungos, estando os exemplares atingidos em processo de restauração fora da universidade.

rudimentar dos originais⁴, a consulta só poderia ser conduzida por funcionário da biblioteca. Durante os anos em que Aloysio Alencar Pinto ficou responsável pela administração da Sala Vera Janacópulos e também pelo acervo da cantora, a intermediação entre pesquisador e acervo era conduzida com propriedade, uma vez que os conhecimentos do compositor e pianista supriam quase todas as necessidades de análise documentária. Além desse aspecto, seria injusto não mencionar as dificuldades pelas quais a Biblioteca Pública sempre passou, o que levou a uma certa imobilização das ações de preservação das obras raras mantidas em sua coleções.

Em 1999, sistematizam-se as ações de preservação do Arquivo VJ com o projeto de pesquisa *Memória do canto de câmara em Vera Janacópulos*, o qual teve por finalidade elucidar não só a trajetória do arquivo pessoal da cantora e sua doação à Unirio, como preservar fisicamente os documentos e ampliar o acesso às informações, principalmente àquelas de natureza musical. Os dois eixos ou abordagens propostos na pesquisa, quais sejam: o Arquivo VJ como objeto de estudo, considerada a organicidade documental, e os documentos do acervo vistos isoladamente como itens informacionais, foram representados, respectivamente, pela memória da doação do Arquivo VJ à Unirio e pelas operações de transformação dos registros em unidades singulares de conhecimento. A proposta, de caráter transdisciplinar, integra um corpo técnico-docente de várias unidades acadêmicas da graduação e pós-graduação (Mestrado em memória Social e Documento), compondo uma rede de relações intra-institucionais: Laboratório de Informática Documental do CCH - LADOC (consultor - Professor Eugênio Decourt); Núcleo de Preservação e Conservação Documental da Escola de Museologia (consultor - Professor Ivan Coelho de Sá); Escola de Música (Bolsista de iniciação científica, Nikolai Almeida Brücher);

⁴ Descobre-se, na entrevista feita com Maria da Glória Capanema, que o Arquivo VJ, após a morte de sua irmã Adriana Janacópulos, permanece com a Sra. Maria Figueiró, bibliotecária do "Círculo de Arte Vera Janacópulos", até a transferência para a UNIRIO.

Escola de Biblioteconomia (aluna de iniciação científica, Helene Andrade Aguiar); Biblioteca Pública da Unirio.

3 Construção da memória: uma via transdisciplinar

A proposta representa não só um esforço interdisciplinar na absorção de tecnologias diferenciadas para atender aos objetivos específicos do projeto, como também um trânsito transdisciplinar que pode ser observado no próprio Arquivo VJ, constituído por objetos de naturezas e sentidos bibliográfico, arquivístico, museológico, além da especialização temática que une o acervo, isto é, a música. A proposta metodológica foi pautada por essas diferenças disciplinares e pelos métodos utilizados nas tecnologias da informação, principalmente naquelas desenvolvidas para a disponibilização eletrônica da informação. Além disso, para a consecução de alguns objetivos, fez-se uso de metodologias de construção oral da memória, quando as fontes documentais primárias e secundárias não se mostraram suficientes para responder às questões propostas.

A organização de lembranças pessoais e registros da doação, bem como das circunstâncias da vinda do Arquivo para a Unirio que nomeou sua principal sala de eventos – "Sala Vera Janacópulos" visava conhecer e explicitar a homenagem e, de certa forma, o culto à memória da cantora, uma vez que durante todos esses anos, praticamente desde o início da fundação da universidade até os dias atuais, o silêncio presente no imaginário institucional, suscitava a interrogação: porquê Vera Janacópulos?

O contato inicial, Aloysio Alencar Pinto, nos leva à cantora Maria da Glória Capanema, aluna de Vera Janacópulos e até hoje responsável pela organização de eventos em nome do "Círculo de Arte Vera Janacópulos".

Quando a Dona Vera morreu, amigos e alunas resolveram criar uma sociedade com o objetivo de manter vivo o nome da Vera Janacópulos e de fazer pelo canto de câmara no Brasil um trabalho, um esforço para vincular ao nome dela novos cantores

com oportunidades de exibição. A sociedade promovia alguns concertos e também concursos de canto de câmara a cada dois anos. Durante muitos anos a sociedade (que funcionou até 1984) promoveu grandes concursos de canto com a presença de cantores ilustres, grandes cantores do Brasil todo, personalidades. A sociedade se chamava Círculo de Arte Vera Janacópulos.

Daí, uma das primeiras providências que a sociedade tomou foi justamente pedir ao Eurico Nogueira França que reunisse todos aqueles artigos. Porque o livro "Memórias de Vera Janacópulos" era uma série de artigos que ele escrevia no Correio da Manhã. Ele ia na casa da Dona Vera e ela contava para ele coisas, ele anotava,... diferente do gravador que nós estamos usando. Então ele fez o livro a pedido já do Círculo Vera Janacópulos (CAPANEMA, 2000)

Maria da Glória Capanema narra a sua experiência de vida junto à VJ, recordando passagens que vão constituindo os elos de ligação entre Vera Janacópulos e a Unirio. Três informações podem ser consideradas de extraordinária relevância para o entendimento da homenagem que a Unirio presta à cantora. A primeira diz respeito ao fato de que VJ foi professora de impositação de voz no Conservatório Nacional de Teatro, escola criada pelo Serviço Nacional de Teatro fundado por Gustavo Capanema num de seus primeiros atos como Ministro da Educação e que vem a se constituir, hoje, na Escola de Teatro da Unirio. A segunda informação refere-se à criação do "Círculo de Arte Vera Janacópulos" em cuja diretoria estavam presentes, entre outros, Guilherme Figueiredo (Reitor da Unirio por ocasião das instalações da universidade na Av. Pasteur), Aloysio Alencar Pinto, Irani Leme e Maria Figueiró (bibliotecária que ficou responsável pela guarda do Arquivo VJ após sua morte). A terceira informação é a de que o "Círculo de Arte Vera Janacópulos" não tinha sede, era uma sociedade virtual e os eventos que promovia se realizavam nas residências de personalidades cariocas amantes da música de câmara.

[...] Lília Niemayer Nunes, irmã do Oscar, ficou no lugar da Dona Vera no Serviço Nacional de Teatro. Quando a Dona Vera veio para o Brasil ela ficou no Recife, depois foi para São Paulo, vindo para o Rio para dar aulas. Há fotografias dela aqui no Rio com senhoras da sociedade, ligadas à música no Recife. Madalena Lebes ficou em São Paulo comandando o grupo que ela tinha de alunas dentro da escola e ela permaneceu só no Rio de Janeiro [...]

[...] O Círculo (de Arte) Vera Janacópulos não tinha sede, tanto que eu me lembro que o professor Guilherme um dia falou que a memória da Dona Vera era cultivada num santuário sem sede. Esse auditório foi todo reformado, ele tinha outro nome, era Alvílio (Paurilo) Barroso, um compositor do Nordeste. Então veja, o professor Guilherme não quis diminuir a imagem da pessoa que tinha um nome, mas achou que a universidade podia ter um auditório dedicado à música de câmara porque a Dona Vera era uma personalidade tão ilustre e tão tristemente sem sede, como ele falava.

Quanto ao Arquivo VJ, parece que o material ficou com uma antiga aluna dela, a Figueiró, chamava-se Maria Figueiró. A Dona Vera gostava dessa senhora. (O Arquivo) ficou com ela, em sua casa. A Adriana Janacópulos, a grande escultora, irmã de VJ, morava com ela na casa ali em Botafogo, na Rua 19 de Fevereiro, para onde eu ia ter aulas de canto e, às vezes, a Dona Vera me chamava para conversar com a

Adriana: - Vem cá, vem conversar com a Adriana -, quando eu estava chegando ou estava saindo. Às vezes, chamava a Adriana para me ouvir cantar, ver os meus progressos.

Mas então, eu não estou muito certa, tenho a impressão de que isso aconteceu, que a Adriana Janacópulos doou ao Círculo o material da Dona Vera. E como o Círculo não tinha sede - havia reuniões do Círculo em alguns lugares - uma das sócias fundadoras levou os documentos para um pequeno estúdio na cidade onde aconteciam as reuniões. Depois, essas reuniões passaram a ser na Casa Rui Barbosa, quando já começaram a fazer concertos maiores. Mas quem teve a possibilidade de acomodar aquele arquivo todo parece que foi essa senhora, Maria Figueiró, que entrou para a formação sociedade com o título de bibliotecária. E a Maria Figueiró, já muito idosa, doou o Arquivo VJ para a Unirio. O Arquivo não veio diretamente de Vera Janacópulos. A época exatamente eu não posso te dizer. Eu sei que a Maria Figueiró ficou muito satisfeita de poder fazer isso porque ela estava muito idosa e dizia que já não tinha mais condições de manter o acervo em ordem, limpar [...] porque ela tinha a preocupação que aquilo se estragasse. (CAPANEMA, 2000)

Cria-se, na Unirio, uma figura mítica - a de Vera Janacópulos - da qual se conhece o semblante esculpido por sua irmã Adriana, numa cópia da escultura disposta no saguão de entrada do prédio da Rua Xavier Sigaud, 290, em frente à Sala Vera Janacópulos, cujo original foi depositado na Praça Paris, centro da cidade do Rio de Janeiro. Vera Janacópulos é uma figura mítica para a Unirio, ainda no sentido do enigma a ser desvendado. No entanto, seu arquivo pessoal deve ser visto como uma fala motivada, podendo ser analisado não apenas como fonte de informação, mas como discurso, assumindo concomitantemente os papéis de conjunto de documentos e de relato mítico, considerando-se as leituras espaço-temporais que articulam memória e projeto. Se a memória é fragmentada, constituída por traços isolados no tempo, ela representa a descontinuidade do passado e só vai significar quando sofrer uma intervenção da atualidade. A transformação da memória individual de Vera Janacópulos em memória coletiva da música do século XX pode ser representada, neste caso, pela intervenção do pesquisador Corrêa do Lago no arquivo da cantora, uma vez que sua análise do acervo ressalta o quadro de relações entre compositores, intérpretes e canções, bem como os espaços temporais ocupados por eles no cenário social. E a função *mnêmica* da Unirio neste processo de transformação foi a de proporcionar a oportunidade de ampliar ou complementar o projeto pessoal do pesquisador,

gerando, como salienta Gilberto Velho (1994), um *campo de possibilidades* na produção de identidades.⁵

A obra de Nogueira França, realizada a partir da narrativa de Vera Janacópulos aliada a informações esparsas encontradas em programas de recitais, notícias de jornais europeus e libretos, dá conta da história de vida da cantora mas, em nenhum momento a associa com a Unirio, pelo fato de que a universidade foi criada após a sua morte. No entanto, a instituição do evento denominado “Círculo de Arte Vera Janacópulos”, movimento de compositores e intérpretes alguns dos quais alunos da cantora e professora e ainda em atividade, foi o elo ou o *projeto* que permitiu a inserção de Vera Janacópulos na memória da Unirio.

Os exemplos de trechos da entrevista feita com Maria da Glória Capanema, demonstraram que as técnicas de história oral foram pertinentes para este estudo, uma vez que depoimentos de músicos que conviveram com Vera Janacópulos ou trabalharam com seu arquivo pessoal são ainda passíveis de registro, garantindo a reprodutibilidade necessária à atualização de sua memória. De acordo com Meihy (1996), a história oral tem aproximado pessoas e instituições preocupadas com três aspectos importantes da sua vida contemporânea: o primeiro diz respeito ao registro, arquivamento e análise da documentação colhida por meio do trabalho de edição de depoimentos e testemunhos feitos com recursos da tecnologia moderna; o segundo aspecto propicia a inclusão de histórias orais e versões mantidas por seguimentos populacionais antes silenciados, evitados, esquecidos ou, simplesmente desprezados por diversos motivos; e o terceiro aspecto privilegia as interpretações próprias, variadas e não-oficiais de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea.

⁵ Cf. *Arquivo Vera Janacópulos: narrativa, mito e informação*, trabalho apresentado no Seminário Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo (DODEBEI, 2003)

Para a construção da memória do Arquivo VJ, certamente todos os aspectos anteriormente citados foram pertinentes, uma vez que as fontes secundárias sobre a cantora são reduzidíssimas, bem como os registros arquivísticos do trânsito dos papéis acumulados durante a sua vida. Esse “silêncio” institucional e social se contrapõe, de um lado, à homenagem feita à Vera Janacópulos pela UNIRIO e, de outro, à manutenção de seu arquivo pessoal na universidade, na qualidade de acervo raro e, conseqüentemente, com acesso restrito. Esses fatos justificaram o uso dos métodos da história oral para este projeto, já que, ainda em Meihry, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. Memória e projeto estão fortemente presentes no vínculo de VJ com a UNIRIO e com a sociedade. Pouco a pouco, uma teia de contatos foi se estabelecendo, reconstituindo eventos significativos nas relações da cantora com seus alunos de canto, seus mestres e autores preferidos.

4 Análise documentária em partituras musicais

Nas etapas de diagnóstico do estado físico, arranjo por espécie documental e análise informacional para a decisão dos pontos de acesso para recuperação das informações do acervo foram utilizadas as metodologias próprias da Ciência da Informação (incluído-se aí a Arquivologia e a Museologia), as quais dizem respeito às propriedades e aos processos de geração, organização e disseminação da informação. Para cada processo e ação do ciclo da informação foram consideradas normas documentais específicas aplicadas em função das espécies e do âmbito de disponibilização das informações.

A metodologia utilizada para a duplicação das partituras musicais compreendeu a cópia xerox e a digitalização de imagens, visando à preservação dos originais em suporte papel, além da preservação da informação, o que possibilitará a consulta à cópia em papel e na Web. A

tecnologia e digitalização de imagens ou “infografia” está restrita, neste projeto, à imagem do texto e não aos recursos sonoros – digitalização de fonogramas ou “fonografia”- o que poderá ser objeto de estudo complementar. Para a acessibilidade na Web do acervo já organizado, estão sendo utilizadas as tecnologias de construção de hipertexto.

Quanto à análise da informação ou análise documentária as operações desta atividade levaram em consideração:

- ❖ Seleção das informações para a representação (análise de conteúdo) dos documentos
- ❖ Definição, junto ao supervisor, dos campos informacionais da planilha de dados de catalogação de partituras
- ❖ Escolha dos pontos de acesso
- ❖ Padronização
- ❖ Pesquisa de autoridade. Pesquisa de autoria, meio de execução (instrumentação, formas e gêneros musicais, periodização da obra em fontes de consulta autorizados (dicionários e enciclopédias especializados).
- ❖ Pesquisa nos catálogos internos da Biblioteca Setorial do CLA/UNIRIO
- ❖ Normalização dos dados de acordo com o AACR 2
- ❖ Transcrição dos elementos para planilha eletrônica
- ❖ Reorganização dos catálogos internos
- ❖ Adequação dos campos definidos ao projeto internacional de catalogação MARC 21
- ❖ Preenchimento de planilha
- ❖ Descrição de itens informacionais
- ❖ Digitação no formato MicroISIS e posterior migração para o Sistema CARIBE

O material musicológico (discos, partituras) é de difícil tratamento. Ele exige pessoal especializado e instrumentos próprios de pesquisa. É de ocorrência bem menos comum nos

centros de informação do que materiais de maior difusão como livros e periódicos, além de atingir um público menor, de modo que raramente é prioridade ao se alocar os (em geral poucos) recursos materiais e humanos das bibliotecas, e seu processamento é mais complexo do que o usual. Por esses motivos, sua catalogação, no que se refere à informatização, e principalmente utilizando-se programas de médio porte, ainda não está bem estabelecida, tanto quanto aos procedimentos necessários de um modo geral quanto à estrutura do *software*. Contribuir para preencher essa lacuna é uma das propostas deste projeto.⁶

A formação do catálogo envolve várias etapas e dois aspectos principais, a saber, a análise documentária e a catalogação para a produção de instrumentos que descrevam e recuperem a informação desejada.

A análise dos dados presentes nos documentos, extraindo-se deles as informações necessárias à sua representação e recuperação, é uma tarefa interdisciplinar por conta das características dos itens, pois trata-se de um acervo de cunho musicológico composto por partituras. O bibliotecário deve se aliar ao músico, cujo conhecimento é essencial para selecionar e interpretar as informações corretas no documento (inclusive de elementos incomuns, como manuscritos e dedicatórias), para dar subsídios ao trabalho no que tange à representação e inter-relação dessas informações, e para uma correta categorização da obra em itens como periodização da peça, instrumentação apresentada, formas e gêneros musicais etc. Outro aspecto primordial da colaboração do músico se refere a sua experiência e a seu ponto de vista como usuário desse tipo de material, ressaltando elementos informativos que de outro modo poderiam passar despercebidos (como, por exemplo, a explicitação de variantes da instrumentação) ou auxiliando no estabelecimento de estratégias de busca. Verificamos que, tomando esses cuidados,

⁶ O Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais desenvolveu trabalho semelhante para programa de grande porte, tal como explicitado por SANTOS e PACHECO ()

e embora seja bastante trabalhosa, ao menos neste projeto esta etapa não tem apresentado maiores problemas, salvo por algumas partituras que apresentam dados ilegíveis, incorretos, incompletos, indecifráveis, ou com resultados negativos de pesquisa.

A padronização dos elementos descritivos, em especial dos pontos de acesso, é outro ponto-chave para o sucesso do catálogo, pois torna os dados inteligíveis, a base de dados coerente, e possibilita uma recuperação eficiente das informações. Essa padronização é obtida através da pesquisa dos termos selecionados e da criação e manutenção criteriosa de instrumentos de controle, em nosso caso listas de autoria, gêneros e formas musicais e meio de instrumentação, levando-se em conta que esse controle deve ser exercido para termos em diversas línguas. A pesquisa deve ser feita em fontes de pesquisa especializadas e consagradas (em nosso projeto, o principal instrumento de consulta tem sido o *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*). Frequentemente, esta etapa demanda bastante tempo, pois as fontes de informação musicológica não são muito numerosas e muitas vezes não fornecem os esclarecimentos necessários, exigindo mais pesquisas e o cruzamento das informações obtidas para se chegar a uma conclusão. É fundamental tomar desde o início decisões claras quanto à descrição desses elementos, como, por exemplo, a adoção ou não de nomes em português para determinados instrumentos ou o tipo de grafia que será adotada para nomes de compositores que são escritos em alfabetos diferentes do nosso. A normalização dos dados é feita de acordo com o AACR 2, mas sempre é interessante verificar as decisões adotadas por instituições de peso que possuam acervos importantes na área, como a Biblioteca Nacional e a Library of Congress, e se possível trocar informações com elas.

Quanto à catalogação informatizada, as partituras estão sendo incluídas em uma base de dados em formato MicroISIS. Pretende-se posteriormente migrar a base para o *software* Caribe, doado à Biblioteca Pública da UNIRIO. Esse programa já é utilizado como interface de pesquisa

para algumas coleções do acervo, tanto para consulta local (no próprio espaço da biblioteca) quanto remota (via internet). Pretende-se utilizar o mesmo procedimento no catálogo do Acervo Vera Janacópulos.

Na definição dos campos informacionais da planilha de entrada de dados para a alimentação da base, procurou-se seguir as indicações do AACR 2. Os campos devem sofrer uma readequação para que as informações sejam descritas no formato MARC 21, adotado mundialmente. Isso permitirá uma padronização mais coerente das entradas e um futuro intercâmbio de informações e dados com outras instituições.

A informatização é o ponto que apresenta maiores dificuldades, em especial a de combinar os seguintes fatores: as possibilidades oferecidas pelo *software* para a representação dos itens e a recuperação das informações; as necessidades informacionais do usuário; as possibilidades de implementação e manutenção do sistema pela biblioteca; e o formato que deve ser adotado (que não pode fugir ao MARC). Ou seja, o programa deve ser flexível o bastante para permitir a alocação e o cruzamento das muitas variáveis que descrevem esse tipo de documento, mas estruturado o bastante para não permitir que o excesso de variáveis e de possibilidades de cruzamento levem à recuperação de documentos desnecessários (lixo). Os campos devem respeitar as convenções de formato adotadas por todas as bibliotecas, mas devem satisfazer as necessidades de pesquisa e estarem de acordo com as possibilidades do usuário.

A interface de pesquisa para o usuário deve ser a mais amigável e simples possível, sempre considerando a complexidade do material; o mesmo vale para incluir, corrigir, imprimir e fazer cópias de segurança dos dados. O perfil do usuário e os objetivos do acervo são determinantes para definir a estrutura de descrição e recuperação de dados na base (por exemplo, quais dos itens descritivos serão também de recuperação), os procedimentos adotados desde a catalogação até o acesso, e os produtos e serviços a serem gerados (inclusive via internet ou

diversas mídias eletrônicas). Além disso, o programa deve ser capaz de manter um bom sistema de remissivas (por exemplo, diferentes grafias para o nome de um compositor, pseudônimos, títulos mais conhecidos de certas obras etc.). O usuário não é forçado a conhecer as regras de catalogação para imaginar qual o termo escolhido, em especial em um campo tão complexo quanto a música. Este detalhe é essencial para bibliotecas que atendam um público menos especializado ou não muito proficiente em pesquisa. O tipo de acesso às informações (local e/ou remoto) também tem peso nestas decisões. Igualmente, deve-se levar em conta o objetivo e o perfil da instituição e da biblioteca, pois os procedimentos de um centro de informação nem sempre podem ser utilizados em outra.

Uma das lições do projeto é o quanto a colaboração entre especialistas é essencial para o sucesso deste tipo de iniciativa. A falta de especialização costuma ser uma das dificuldades no tratamento de obras especiais. O bibliotecário e o músico devem ter um bom diálogo para que a colaboração seja proveitosa; é importante que o profissional da informação explique ao músico o porquê dos procedimentos adotados e como eles se dão, e que saiba ouvir o que ele tem a dizer. Desse modo, o conhecimento prévio dos dois especialistas é catalisado pelo trabalho em comum e resulta em um desempenho mais eficiente.

O projeto mostra também que apenas o passar do tempo permite avaliar, decidir e implementar as mudanças necessárias ao processamento e ao acesso do usuário a um tipo de documento tão complexo quanto a partitura. O acúmulo de experiência no manuseio do material é vital, pois vai-se criando um cabedal de conhecimentos a respeito dele e das melhores formas de processá-lo, inclusive por criar uma noção mais precisa do acervo como um todo.

5 Conclusões

O projeto de pesquisa *Memória do canto de câmara em Vera Janacópulos*, iniciado em 1999 e com sua conclusão prevista para o segundo semestre de 2003, contribuiu para o esclarecimento da incorporação do Arquivo pessoal da cantora ao acervo de obras especiais da Biblioteca Pública da Unirio, incorporando aos documentos originais novos registros representados pela produção de conhecimentos gerados pelas entrevistas e depoimentos orais. No que se refere à democratização das informações, a proposta de catalogação das partituras implicou o desenvolvimento de métodos e técnicas de descrição da informação musicológica, ainda que particulares às características do acervo da Unirio, gerando conhecimento especializado no campo da análise e representação documentária. Os produtos finais de disponibilização de todas essas informações estão sendo conceituados e detalhados para lançamento até outubro em dois tipos de mídia: o site temático *Arquivo Vera Janacópulos*, hospedado na página da biblioteca da universidade <http://www.unirio.br/> e o CD-ROM, com conteúdo semelhante, para distribuição a instituições culturais, de ensino e de pesquisa.

Referências

AGUIAR, Helene Andrade de; DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. Preservação do Arquivo Vera Janacópulos. In: XV SEMANA DE DEBATES CIENTÍFICOS, 2002, Rio de Janeiro. XV Semana de debates Científicos. 2002.

ANGLO-AMERICAN cataloging rules. 2.ed. Chicago: ALA, 1978. 2v.

BRUCHER, Nikolai Almeida; DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. Análise da informação musicológica no Arquivo Vera Janacópulos. In: XV SEMANA DE DEBATES CIENTÍFICOS, 2002, Rio de Janeiro. XV Semana de debates Científicos. 2002.

CAPANEMA, Maria da Glória. *Memória do arquivo Vera Janacópulos* [entrevista em 11 de outubro de 2000]. 2000.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos; CARDOSO, Maria Eduarda Fadini. *Memória do Canto de Câmara em Vera Janacópulos*. In: XV SEMANA DE DEBATES CIENTÍFICOS, 2000, Rio de Janeiro. XV Semana de Debates Científicos da Unirio. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2000.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. Arquivo Vera Janacópulos: narrativa, mito e informação. In: *Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo*, Rio de Janeiro, 2002.(Seminário aberto do Mestrado em Memória Social e Documento)

FRANÇA, Eurico Nogueira. *Memórias de Vera Janacópulos*. [Rio de Janeiro]: MEC / Serviço de Documentação, [1959].

LAGO, Manoel Corrêa do. A música do século XX no acervo Vera Janacópulos. Rio de Janeiro, *Revista Brasileira*, n. 2, maio 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo : Edições Loyola, 1996. P.13

PINTO, Aloysio Alencar (org.) *Vera Janacópulos: cem anos*. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, 1992. (Programa do evento)

SANTOS, Maria Helena; PACHECO, Kátia Lúcia. Catalogação de Partituras da Biblioteca da Escola de Música da UFMG Utilizando o Software VTLS. Disponível em <http://www.ufmg/bu/> Acesso em outubro de 2000.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 97-105.